

A transfiguração da donzela guerreira em *Memorial de Maria Moura*

Sarah Pinto de Holanda¹



Resumo

A busca pelas inúmeras facetas das personagens literárias é a questão primordial desse trabalho, que procura analisar os conflitos de gênero que percorrem a narrativa de Rachel de Queiroz, focalizando o romance *Memorial de Maria Moura*, onde, em muitas passagens, observa-se a evocação da personagem mitológica da donzela guerreira refletida nas ações da protagonista da obra.

Palavras-chave: **Literatura. Mito. Donzela guerreira. Gênero.**

Abstract

The search for uncountable facets for character literary is the main question of this work, that looks for analyze the gender conflicts that compose Rachel de Queiroz narrative, focusing the romance of *Memorial de Maria Moura*, where, in many parts, is possible to see the evocation of mythological character of ling-warrior reflected in actions of protagonist's work.

Keywords: **Literature. Myth. Ling-warrior. Gender.**

Introdução

Personagens mágicos vagueiam inertes no imaginário de leitores e ouvintes, ao longo dos séculos, até que, evocados pelo fulgor da continuidade, ressurgem transfigurados, adaptando-se ao tempo e ao espaço de criação. Os mitos e os símbolos que povoam o inconsciente dos homens durante sucessivas gerações, nas mais variadas culturas, compõem o quadro inspirador para as diversas expressões artísticas, e é a partir delas que o homem vai descobrindo seus secretos relacionamentos com as forças do universo.

Partindo das teorias das relações dos homens com os mitos, compartilhado através do inconsciente, buscamos revelar na personagem central do romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, (1992) os símbolos presentes na construção do herói, que se envolve nas tramas de uma atípica donzela guerreira, personagem mitológica invocada ancestralmente pelas tragédias gregas. Mostraremos que, reconfigurado pela ficção moderna, o romance resgata, em muitos pontos, o mito do herói, figura singular, presente nas alegorias construídas pelo homem, mas que diante das várias tendências estéticas, sociais e históricas, a

heroína da obra estudada mescla-se com o anti-herói da modernidade, confirmando a paradoxal relação de transformação e permanência dos mitos no decorrer da história da humanidade.

Analisaremos, por fim, como a construção da donzela guerreira, que se faz presente no romance, emoldura as questões de gênero e feminismo abordados no transcorrer das obras de Rachel de Queiroz, reafirmando a presença dos mitos e redefinindo as ações de heroínas no palco da sociedade moderna.

1 A trajetória da donzela guerreira

Durante toda a história, a mulher sempre esteve envolvida em uma corrente de mistério e fascínio. Associadas a poderes sobrenaturais, centenas de 'bruxas' arderam nas chamas da inquisição, assim como deusas dotadas de beleza e sabedoria habitavam o Olimpo e, ainda hoje, sacerdotisas que encarnam Orixás residem nos santuários de candomblé. Através das inúmeras facetas das personagens femininas então conhecidas, sejam lendárias ou literárias, descortinadas em palcos, ações e personalidades diversas, observa-se a incessante busca pela identidade da mulher.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: sarah_chico@hotmail.com

Nos mais variados períodos, em diversos gêneros literários, odes e cantigas foram feitas em exaltação à graciosidade feminina; conhecemos muitos que se perderam por uma paixão e poucos que resistiram aos encantos de uma jovem dama. Em contrapartida, muitos também são os registros históricos de guerreiras, piratas e cangaceiras, figuras que integram o inverso do quadro típico desenhado para a mulher, que, seja por questões físicas ou sociais, são vistas geralmente como símbolo de beleza, doçura e maternidade. Em alguns casos, esse papel feminino é exercido com força e bravura. O reconhecimento da coragem da jovem mãe de Jesus é revelado em inúmeras passagens bíblicas, assim como as heroínas das tragédias gregas, que desafiam as adversidades em favor da honra. Algumas mais ousadas acompanham leais seus maridos pelas batalhas que uma causa digna possa exigir. A história do Brasil é povoada de casos de esposas guerreiras; é assim com Anita Garibaldi, heroína da guerra dos Farrapos; Clara Camarão, a índia que seguiu o marido nas excursões contra as tropas dos holandeses em Pernambuco; e Maria Bonita e Dadá, andantes e companheiras de temidos cangaceiros.

A ação máxima masculina é o poder de guerrear. É na arte da guerra que os gêneros se difundem em dois pólos totalmente opostos e, na maioria dos casos, intransponíveis, onde só uma total transgressão seria capaz de fundi-los. A atividade feminina nessas lutas aparece como uma inversão total de papéis, só acontecendo de maneira simbólica no carnaval, onde a vestimenta de homens e mulheres se mistura, promovendo o gosto pela mudança de sexo. A permanência dessa mudança é a característica primeira da mitológica personagem da donzela guerreira, que usa os mais variados disfarces para confundir-se e atuar como um homem: “E então apareceu a Dona. Calçava botas de cano curto, trajava calças de homem, camisa xadrez de manga arregaçada. O cabelo era aparado curto, junto ao ombro. Alta e esguia, podia parecer um rapaz, vista de mais longe...” (QUEIROZ, 1992 p.10).

Figura como típica donzela guerreira, a jovem que sai trajada de homem para a guerra e que, por não ter irmãos, toma para si o dever de lutar representando a família, geralmente o pai velho ou doente. A dama abdica de toda regalia feminina, assim como da maternidade e do amor, mantendo-se virgem por toda a vida. Destaca-se como o melhor entre todos os soldados, só sendo descoberta quando morta ou ferida. A lenda de Mulan ainda é evocada por toda a China; podem-se ouvir as baladas feitas para a moça, que bravamente

vestiu-se com a armadura do pai e assumiu o lugar masculino da família, guerreando contra os bárbaros e sendo aclamada pelo imperador, em reconhecimento por suas atitudes de valentia e inteligência. Assim como em *Mulan*, conservam-se centenas de reproduções sobre a vida de Joana D’Arc, a jovem vestida de soldado que lidera as tropas francesas para a vitória na Guerra dos Cem Anos, sendo posteriormente queimada e santificada pela Igreja Católica.

No Brasil, é conhecida a bravura de Maria Quitéria, jovem baiana que, trajada com as roupas do cunhado, alista-se nas tropas formadas para as batalhas de Independência e que viraria emblema de patriotismo entre os militares brasileiros. Também foi notável a atuação de Jovita Feitosa, soldado da Guerra do Paraguai, sendo reconhecida nacionalmente. Muitos poemas foram feitos em homenagem à menina que se suicida quando é proibida de permanecer como voluntária no exército brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão, em seu livro *A Donzela Guerreira*, enumera todas as características dessa personagem, que pode aparecer em absoluto ou em alguns traços:

Sua posição é numinosa na série filial, como primogênita ou unigênita, às vezes a caçula; o pai não tem filhos homens adultos ou, o que é quase regra, não os tem de todo. Ela corta os cabelos, enverga trajes masculinos (...)cinge os seios e as ancas, trata seus ferimentos em segredo, assim como se banha escondido... (GALVÃO, 1998 p. 12)”

Na construção de Diadorim, é retomada a ancestralidade do mistério que envolve as donzelas-guerreiras: os trajes, a determinação, a permanência da castidade. Em *Grande Sertão Veredas*, ela aparece em meio aos jagunços no sertão brasileiro, onde Guimarães Rosa banha a personagem com todas as artimanhas usadas pela donzela até o momento da fatal imolação, já que seu destino está sempre ligado à morte, simbólica ou não. Com inúmeros recursos de intertextualidade, a literatura reveste seus heróis e vilões com traços característicos de personagens antológicos. Assim, ecoam em inúmeras personagens femininas peculiaridades da donzela guerreira. São muitas as protagonistas que encarnam a liderança, o domínio ou a força que lhe é comum. A personagem principal de *Dona Guidinha do poço* é uma líder autoritária de sua região, atuando como um legítimo coronel nordestino, sendo temida e respeitada por todos; *Luzia-Homem*, romance de Domingos Olímpio,

emoldura o quadro aparentemente paradoxal da mulher casta e de força extraordinária, de feição hercúlea e sentimentos nobres, vítima incansável do preconceito causado pela sua aparência máscula.

Em *Memorial de Maria Moura*, muitas personalidades femininas costuram o romance de Rachel de Queiroz; as mulheres são senhoras dos seus destinos, ornadas com determinação, ambição e liderança. Através das ações e dos sentimentos da personagem que nomeia o livro, é possível desvendar, em aspectos muitas vezes camuflados, esse princípio antepassado que norteia as várias figurações da donzela guerreira. Filha única, órfã de pai e mãe, resiste a ferro e fogo ao ver seus bens ameaçados pelos primos. Porém, antes de sucumbir, atea fogo a casa e foge com um grupo de cabras em busca de uma propriedade que seria sua por direito. Vestida com as roupas do pai, cabelos curtos, liderando um bando de homens, ela segue ao encontro da sua terra, sobrevivendo de pilhagens até se estabelecer como uma autoridade em meio aos jagunços. Respeitada como um homem, todos procuram a proteção de Maria Moura, pois não há quem seja capaz de tocar no que esteja sob seu domínio:

Eu queria assustar o Tonho. Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, para homem como ele, só serve para dar faniquito. Pois, comigo eles vão ver. E se eu sinto que perco a parada, vou-me embora com meus homens e saio atirando. E deixo um estrago feio atrás de mim... (QUEIROZ, 1992 p.40)

Assumindo as desventuras de ser herdeira única, a jovem guerreira, absorvida de profunda responsabilidade filial, enfrenta as adversidades à semelhança de um filho homem, tomando seu posto na guerra como um valente soldado. Adotando esse encargo, Moura sai desbravando o sertão em busca de suas terras, motivada por velhas lembranças que carrega do avô. É a única que vingou entre os filhos de sua finada mãe e, mesmo sendo mulher, não deixaria de se apropriar do que era seu, mesmo que para isso tivesse que agir como o mais cruel dos homens.

A simbologia do cabelo é contrária quando relacionada à oposição sexual entre homens e mulheres. Como tudo que cresce no homem é emblema de energia vital, a extensa cabeleira masculina é símbolo de poder; se subtraída, ele entrará em degradação, perdendo a força, observando-se para isso o estereótipo de Sansão. No entanto, na mulher ocorre o contrário: livrar-se do que cresce em seu corpo,

em vez de representar castração e perda, representa aquisição de coragem. É através da aniquilação dos cabelos que a donzela guerreira concebe sua valentia. Esse sacrifício é revestido como um rito de passagem, de circuncisão, onde ela abdica da especificidade e sexualidade feminina, acolhendo os valores físicos e morais masculinos. O corte dos cabelos desvenda um ritual onde ela anuncia uma nova categoria social, eliminando sua antiga condição. Ao cortar os cabelos entre seus cabras, Maria Moura abandona o passado, proclamando uma nova identidade:

Não sei que é que tinha na minha voz, na minha cara, mas eles concordaram. Ai eu me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feito uma navalha - puxei meu cabelo que me descia pelas costas feito numa trança grossa; encostei o lado cego da faca em minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço. (...) – Agora se acabou a Sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres. Vamos lá, arriem os animais. (QUEIROZ, 1992 p. 84)

Além do sacrifício dos cabelos, a jovem traça-se como um homem que encarna na situação, seja com uniformes militares, armaduras ou calça comprida e matulão. Toda a indumentária é essencial no disfarce, onde a donzela também pode usar outros artifícios, como amarrar as nádegas e os seios para eliminar quaisquer resquícios que denuncie o corpo feminino. Numa tentativa de assemelhar-se às feições paternas e de imitar-lhe as ações, a vestimenta usada pela donzela guerreira normalmente pertence ao pai. Foi assim que a jovem Mulan tomou a armadura do pai e seguiu para a guerra. Em outra batalha estava Maria Moura, como numa exaltação à memória paterna, vestida com suas roupas e tomando para si todos os seus pertences:

Eu enfiei uma calça que tinha sido de Pai, pra montar com mais liberdade. Mas servia perfeitamente, eu sabia. Pai era magro como eu, e tinha pouco mais que minha altura (...). Peguei lá o papo-de-ema que Pai, quando viajava, usava para guardar o dinheiro (...). Vesti em cima um casaco de Pai, para esconder a cintura aumentada. (...) Botei à tiracolo o saco da munição; tinha ali o chumbo, e o polvarim grande de chifre... Tudo herança de Pai. Também peguei a faca que era dele (...). Voei em cima da sela – sela de homem – claro que também era sela de Pai. Ali era tudo dele, até eu – até eu, não – principalmente eu, sangue e carne como ele. (QUEIROZ, 1992 p. 65)

A aproximação da donzela guerreira com o pai ecoa desde a sua origem. Nascida de um corte decorrente de uma profunda dor de cabeça sofrida por um deus, eis que surge Palas Atenas, com uma espada em punho, completamente coberta por uma armadura. Personagem mitológica, a jovem guerreira é filha gerada sem a intervenção feminina. Ao contrário de Eva, que provém da costela de Adão, Palas Atenas nasce do mais admirável órgão humano. Emergindo da mente de Zeus, o mais importante dos deuses, ela se constitui como símbolo de inteligência e sabedoria.

Na relação filial que envolve a donzela guerreira, circula um pacto de exclusividade, onde a filha pertenceria unicamente ao pai, não sendo permitido seu envolvimento com outro homem. A permanência da virgindade é reiterada no decorrer de seu destino; algumas preferem a morte a sucumbir aos apelos do corpo. Romper com a castidade seria quebrar o compromisso paterno e ceder à condição de mulher, que está coberta pelo véu do amor e da maternidade, onde jaz impedida de perseguir os caminhos pelos quais percorrem uma guerreira. Após sangrentas batalhas e históricas conquistas, Joana D'Arc., Diadorim e muitas outras, pereceram imaculadas até a morte.

Surpreendida por alguns relacionamentos amorosos, a virgindade não é virtude concebida por Maria Moura. Julgando-se uma mulher livre de compromissos sociais e emancipada dos tabus religiosos, Moura expõe suas necessidades sexuais, seus desejos de mulher. Durante o desenrolar da narrativa, ela envolve-se com alguns homens, ocorrendo sua iniciação sexual através dos encontros incestuosos que mantinha com o padrasto, ainda na adolescência, o que não lhe causa nenhum remorso. Temendo as chantagens de Liberato, arma um jogo de sedução com um capanga da família, arrancando-lhe a promessa de exterminar o amante.

Ela falava em companhia, mas agora eu entendo, era para não me escandalizar. O que ela sentia e agora eu compreendo é a falta mesmo, não de companhia – mas de um homem. Mão de homem, braço de homem, boca de homem, corpo de homem (...). Não sou cabra macho pra viver entre os homens e não sentir nada. Talvez se eu não conhecesse a vida, não conhecesse homem, se o Liberato não tivesse me ensinado o que é o prazer do corpo. (QUEIROZ, 1992 pp. 201-202)

Sentindo-se sozinha, já mulher feita, Moura vive uma conflituosa relação de amizade e desejo por

seu feitor e homem de confiança, até se apaixonar por Cirino, um belo conquistador, que, asilado na proteção de sua casa, vive com ela um romance que por alguns momentos irrompe no seu desequilíbrio. Temendo que a fragilidade provocada pelo amor que nutre por Cirino provoque sua falência, não cedendo assim aos seus sentimentos, e desconfiando do amado que lhe trai, Moura encomenda seu assassinato, confirmando o racionalismo que sempre impulsionou seus atos.

Distinguindo-se do ideal feminino de constituir família, o desejo que faz Maria Moura procurar companhia é unicamente sexual, o que lhe assemelha à identidade masculina histórica e socialmente construída. Para ela, marido e filhos, além de não se adequarem à sua vida de clandestinidade, findariam completamente sua liberdade.

2 O universo do herói

A presença do herói é o amálgama no universo do homem e sua coletividade. Ele sempre esteve presente em todas as comunidades conhecidas e construídas ao longo dos tempos. Essa personagem, imediatamente identificável por nós, aparece acompanhada pelo símbolo da mudança, da ventura, da felicidade. O herói é o mais poderoso, forte e destemido entre os seus, é o que faz a diferença, aquele capaz de enfrentar o mal, de mudar o curso da história.

São vários os seus predicados, a começar pela extraordinária coragem com que executa suas tarefas, o que o coloca em profunda relação com forças divinas. Na mitologia grega, o herói é fruto direto de um deus com um mortal, um ser predestinado para a vitória. Na história e na literatura, os heróis aparecem como homens que se destacam entre os demais, geralmente são louvados pela bravura, inteligência e determinação.

Assim como o marcante caráter, o herói também apresenta uma trajetória que o caracteriza e que o imortaliza diante dos demais. Cercado por aventuras e adversidades, o verdadeiro super-homem sai em busca de cumprir a tarefa que manda seu destino. O seu primeiro grande desafio é descobrir a tal empreitada, e, para isso, é indispensável que ocorra um exílio interior, seguido da mudança. Para cumprir a missão a ele destinada, é necessário o distanciamento da terra natal. Foi assim com Jesus, o herói mais conhecido em todo o mundo, que abandonou a casa materna e seguiu por novas terras a propagar seus milagres assim é colocado no livro *O herói de mil faces* de Joseph Campbell:

Em todos os lugares, não importando a esfera dos interesses, os atos verdadeiramente criadores são representados por atos gerados por alguma espécie de morte para o mundo; e aquilo que acontece no intervalo durante o qual o herói deixa de existir – necessário para que ele volte renascido, grandioso e pleno de poder criador – também recebe da humanidade um relato unânime. (CAMPBELL, 2007 p.40)

A jornada do herói para o triunfo começa com a anulação de suas origens; sua casa passa a ser o mundo novo a ser descoberto. Geralmente essa ausência ocorre rodeada de rituais que promovem uma fuga mágica do grande homem, o primeiro sinal de sua iluminação. Assim, Moura incendeia a sua própria casa, como símbolo de morte, para posterior renascimento. Ela rompe o cordão umbilical da sinházinha para o surgimento da mulher guerreira:

Vendo a minha casa transformada em um fogaréu, e feito pela minha própria mão, desabei em pranto. Os outros, acho que choravam também. Esperamos mais um pouco. Chegaram ao final os meninos correndo, afrontados. Deixei que eles retomassem o fôlego e dei minhas ordens:

- Vamos sair a passo, para vocês nos seguirem. Fiquem de olho, que é pra pegar qualquer animal alheio que apareça em nossa frente. Vocês todos precisam de montaria. Nós vamos pra muito longe. (QUEIROZ, 1992 p.66)

O caminho empreendido pelo herói em busca da terra prometida é repleto de aventura, perigos e obstáculos; sua trajetória é como um rito de passagem, onde, para efetivar sua consagração, ele conta com o auxílio de vários ajudantes, os facilitadores da jornada mágica. Maria Moura tem em seus ‘cabras’ a assistência fundamental para suas conquistas. Eles obedecem fielmente às ordens do chefe, amando-o e obedecendo-lhe acima de tudo. A relação de Moura com seus ajudantes provém de sua confiança na sabedoria paterna, que também acreditava na fidelidade de seus homens. “A necessidade de um grande cuidado por parte do pai, que só admite em sua casa os que se tiverem submetido integralmente aos testes...” (CAMPBELL, 2007 p.130). Como uma verdadeira heroína, que encontra em sua jornada aventuras e perigos, no decorrer da busca pela Serra dos Padres, Moura passa por vários incidentes enquanto desbrava o sertão, começando sua vida de variados riscos e crimes:

Andamos mais algumas léguas – era sempre aquela solidão. A farinha se acabava no fundo do saco; em compensação, a caça era mais fácil. A espingardinha já podia ser usada; quem é que ia ouvir tiro naquele deserto? Mas tinha-se que poupar a munição. A qualquer momento era capaz de surgir um mau encontro e a gente não podia ficar desprevenida. (QUEIROZ, 1992 p.111)

Inevitavelmente, como uma tarefa-provação, o rumo de todo herói é impelido por um obstáculo que irrompe no seu desequilíbrio. É a última prova. Cristo enfrentou Lúcifer por quarenta dias no deserto: riqueza, poder e glória foram as perdições oferecidas pelo poder maligno, força contrária à ventura do herói. O apaixonado Orfeu não resistiu à curiosidade e, desobedecendo às ordens, mirou a terrível medusa, que o transformou em pedra. Contrariando todas as perdições oferecidas pelo mal, a tentação de Moura foi, paradoxalmente, o amor, que é negado para garantir o seu triunfo. A presença do amor na vida da moça destemida foi o seu desequilíbrio.

Apesar da estabilidade do seu reinado, o fim da heroína fica indefinido, pois o final do romance *Memorial de Maria Moura* é uma janela aberta para a imaginação do leitor, que cria um futuro para a personagem. A protagonista encerra sua aventura em trânsito, caminhando para sua última e mais violenta batalha, criando uma atmosfera de lenda em torno da mulher, guerreira amargurada pela perda de um grande amor:

Mudei de quarto. Acho que nunca mais poderei dormir junto ao baú do cubículo. Passei dias e dias enrolada na rede, no escuro, tal como fiz quando da morte de mãe.

Não era dor propriamente que eu sentia; era mais um estupor que me deixava dormente, numa espécie de meia morte. O corpo não me doía em lugar certo, mas tudo me doía. Principalmente a cabeça. (QUEIROZ, 1992 p. 463)

Nordestina, o universo de passagem da heroína é o sertão; é por ele que a personagem vive suas aventuras até a ascensão. Assim, Rachel de Queiroz enfatiza sua veia regionalista, percorrida e reiterada ao longo de suas obras. É com a publicação de *O Quinze*, em 1933, que ela desponta, efetivamente, nos círculos literários de Fortaleza. O alcance de seu romance vai além das fronteiras cearenses, apontando-se como uma das grandes obras regionalistas brasileiras. A raiz

seminal de um povo encontra-se na sua terra. É assim que o último romance de Rachel, *Memorial de Maria Moura*, separado sessenta anos do primeiro, traz a gana por esse tesouro apresentada como fator decisivo nas ações das personagens e nas suas fatais conseqüências. É assim que crimes são cometidos, desentendimentos são criados e personalidades são formadas, tudo através da luta pela terra, que se apresenta inerente à saga da família de Maria Moura, destacando, assim, os interesses de uma sociedade em determinada época

Eram três as partes dos herdeiros do Limoeiro; e cabendo cada parte a cada um dos irmãos, filhos do meu avô materno. Esse inventário andava em juízo para mais de vinte anos. A gente ocupava o sítio na raça. Pai dizia que o direito era nosso e, até então, ninguém tinha conseguido nos tirar de lá.

Já as outras terras, que a gente tinha certeza que eram nossas, ficavam nem eu sabia mais a quantas léguas, sertão adentro. E reaver essa posse era o sonho do meu avô por parte de pai, e depois de morto o Avô, passou a ser o sonho de Pai, filho dele. (QUEIROZ, 1992 p.21)

O pensamento, a fala e as ações da protagonista personificam a índole do homem sertanejo, latifundiário e egoísta, que é descrito no romance. Há três tipos de homens: os que mandam na terra, os que sobrevivem dela, e suas vítimas. Moura se deixa corromper pelo fascínio que a terra possui e entrega-se aos mais variados atos ilícitos para conquista da sua herança. Entre os mortos nessas batalhas, estão: a mãe e o padrasto de Moura; entre os infelizes, encontra-se Marialva, prima da protagonista que, impedida pelos irmãos de casar para não dividir os bens, acaba fugindo com o namorado. Seus pensamentos refletem aversão que tem ao comportamento da maioria:

A verdade é que todo aquele nosso povo, tal como os meus irmãos e a minha cunhada, só dava valor à terra, sobre tudo neste mundo. E não eram só os fazendeiros, mas os padres, as beatas, os comerciantes, o pessoal da rua e do mato: para eles só vale a terra, acima de qualquer bem(...) Por causa de um corredor de terra de uma braça de largura, numa extrema, todos são capazes de matar, de morrer, de mandar matar. Com o ouro se sonha, é o que eles dizem. Mas a terra é viva, está fervilhando debaixo dos nossos pés. Quando sangue corrido, quanta moça emparedada para não casar, ficar solteirona, moça-velha e não dividir as heranças. (QUEIROZ, 1992 p.90)

Maria Moura se distingue do estigma do herói trivial ao incorporar características positivas e negativas em todo o romance. A diferenciação das atitudes da personagem, no decorrer da narrativa, emoldura o complexo quadro da personalidade humana, cujas ações variam de acordo com os conflitos enfrentados. Moura encomenda a morte dos que atravessam seu caminho, comete saques, ataques e os mais diversos crimes. Porém, esse inventário de atos ilícitos não a coloca no rol dos vilões. Por encarnar um ideal de força e liderança, ela é vista como uma heroína pelos que a cercam, assim como Lampião era aclamado entre os nordestinos pelo esquerdismo que representava. Assim, o herói representa a sociedade à qual pertence, no caso de Moura, a sociedade latifundiária, onde a obtenção de riqueza e poder é a garantia do domínio da lei. Como afirma Flávio Kothe no livro *O Herói*:

Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. Rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras. (KOTHE, 1985 p. 8)

A forte personalidade de Maria Moura, responsável pela realização de seus objetivos, a faz a mais completa das personagens de Rachel. Distanciando-se dos dilemas existenciais das outras protagonistas, Moura não se acorrenta diante dos ditames sociais; faz prevalecer sua vontade, seu domínio. Assim afirma Maria de Lourdes Barbosa, em seu livro *Protagonistas de Rachel de Queiroz*:

Maria Moura é uma personagem-afirmação, uma vez que as etapas percorridas pelas protagonistas anteriores têm em Moura seu coroamento. (BARBOSA, 1999 p.101)

Considerações finais

Maria Moura é mais uma das personagens que trilham o caminho dos perfis femininos de Rachel de Queiroz. Seus romances circulam entre as peripécias de mulheres que buscam uma identidade, enquanto sujeito individual, e o conflito social que essa procura acarreta. Em uma leitura das obras da escritora, observamos a evolução da personalidade de suas personagens, já que as protagonistas se apresentam em crescente de determinação e confiança. Isso é perfeitamente observado nas relações delas com os conflitos apresentados durante as narrativas. Em

seu primeiro romance, *O Quinze*, encontramos, na protagonista, uma professora primária, um ideal de vida não comum às moças daquela época. Conceição inicia uma série de personagens que buscam a emancipação, transgredindo as relações sociais em vigor. É vasto o elenco de mulheres notáveis que permeiam os romances de Rachel, que vai de uma dona de casa politicamente engajada, freqüentadora das reuniões do Partido Comunista, como acontece com Noemi, de *Caminhos de Pedras*, até jovens que, se ausentando da opressão do lar materno, seguem ganhado o mundo em busca de liberdade. Nessas andanças, desenvolve-se a trajetória pessoal de Dôra, protagonista de *Dôra, Doralina*.

Mesmo apresentando-se como uma donzela guerreira embrionária, ao vestir-se e agir como um homem, Moura não precisa ocultar sua identidade para garantir o respeito dos que a seguem; ela não se exonera da sua condição de mulher, permanece como tal e reafirma a proposta da autora em construir uma personagem feminina emancipada, desprovida da fragilidade quase sempre sugerida no seio das relações humanas e reafirmada ao longo dos tempos.

Persistindo em escrever sobre a problemática feminina, iniciada desde o início do século XX, quando as diferenças entre homens e mulheres deveriam ser negadas para o alcance de uma ascensão social da

mulher, Rachel de Queiroz, com seu olhar literário, subverte o estereótipo de romance ‘água com açúcar’ ou ‘cor-de-rosa’, designado à escrita feminina, e se afirma como uma autora que brilhantemente incita os questionamentos sobre as relações de gênero e poder na sociedade.

Referências

BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 2007.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: Senac, 1998.

KOTHE, Flávio. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

QUEIROZ, Rachel. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo: Siciliano, 1992.